



**“VOSSA MAJESTADE, O REI CAFÉ!”: AS ESTRATÉGIAS
DISCURSIVAS EM FILHOS DO DESTINO DE HERNÂNI DONATO**

**“YOUR MAJESTY, THE KING COFFEE!”: THE DISCURSIVE
STRATEGIES IN FILHOS DO DESTINO BY HERNANI DONATO**

Jesuino Arvelino Pinto ¹

Recebimento do texto: 15/03/2017

Data de aceite: 20/04/2017

RESUMO: No conjunto das obras romanescas de Hernâni Donato, percebe-se a predominância de narrativas que traçam o percurso do homem circunscrito a um espaço que faz dele um ser colado à paisagem social e submetido a leis que anulam seu sonho, utopias e capacidade de libertação, impedindo-o de se realizar em sua plenitude humana. Tal é o teor de *Filhos do Destino*, o primeiro romance de Donato, que cumpre a função de apresentar o escritor na cena literária, tendo por subtítulo “história do café e do imigrante em São Paulo”. A proposta deste trabalho é desvelar as estratégias narrativas utilizadas por Hernâni Donato em sua elaboração a partir de discussões teóricas acerca das vozes narrativas e do romance moderno, enfocando questões temporais, espaciais e a subjetividade do repertório do autor, evidenciando neste processo aspectos de originalidade, que, a partir da reconstrução e reformulação de episódios históricos e do cotidiano dão origem a um novo romance.

PALAVRAS-CHAVE: Romance social; Hernâni Donato; *Filhos do Destino*.

ABSTRACT: In the set of novels by Hernani Donato, one can see the predominance of narratives that trace the path of the man circumscribed to a space that makes him attached to the social landscape and submitted to laws that cancel his dreams, utopias and freedom, preventing him from being realized in his human fullness. Such is the content of *Filhos do Destino*, Donato's first novel, which fulfills the function of presenting the writer to the literary scene, its subtitle is "History of Coffee and Immigrant in Sao Paulo". The proposal of this work is to reveal the narrative strategies used by Hernâni Donato in his elaboration from theoretical discussions about narrative voices and the modern novel, focusing on temporal and spatial issues and the subjectivity of the author's repertoire, evidencing aspects of originality, which, from the reconstruction and reformulation of historical episodes and the daily life, give rise to a new novel.

KEYWORDS: Social Romance; Hernâni Donato; *Filhos do Destino*.

¹ Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós Graduação em Estudos Literários – PPGEL – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Câmpus Universitário de Tangará da Serra.





A proposta deste texto consiste em desvelar as estratégias narrativas utilizadas por Hernâni Donato na elaboração da narrativa *Filhos do Destino*² a partir de discussões teóricas acerca das vozes narrativas e do romance moderno, enfocando questões temporais, espaciais, evidenciando no processo de elaboração aspectos de originalidade, que, a partir da reconstrução e reformulação de episódios históricos e do cotidiano dão origem ao romance.

A prosa de 30 designa a maioria das narrativas escritas entre os anos de 30 e 40, por uma geração de escritores oriunda de famílias oligárquicas arruinadas e decadentes, que soube construir uma visão de mundo crítica. Deve-se ressaltar, contudo, que, apesar da desconfiança em relação às ousadias da forma, os romancistas de 30 herdaram dos modernistas uma liberdade de expressão inigualável, impregnando seus relatos de coloquialismo, estilo direto e concisão verbal, criando um efeito de simplicidade que ainda hoje seduz leitores.

Já a fase 1945-1964, período que *Filhos do Destino* fora publicado, é de otimismo em relação ao desenvolvimento do país, de expectativas quanto à modernização sempre interrompida, de resignificação acerca dos olhares para o Brasil, em que a integração socioeconômica do território compõe condição indispensável para o projeto de superação do atraso. Diversas narrativas literárias são caracterizadas por uma intensa expressividade das relações sociais, simbólicas, políticas e culturais dos espaços rurais, do sertão, do interior do país. Este conteúdo é narrado, muitas vezes, em oposição, implícita ou explícita, à emergência das condições de urbanização e desenvolvimento das grandes cidades brasileiras. Mas o rural também é o

² DONATO, H. **Filhos do destino**: História do café e do imigrante em São Paulo. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d. Todas as citações de *Filhos do Destino* neste artigo serão feitas por essa edição e virão acompanhadas por indicação de página.





locus da calma e da tranquilidade, do bucólico e telúrico, pelo menos de forma transitória. A ficção brasileira, a partir dos anos de 1950, experimenta um fenômeno novo de escrita. Um conjunto de relatos centrados no mundo rural, mas distantes dos padrões convencionais de realismo crítico que marcou o chamado romance de 30, dão outro tom para o romance regional, como ocorre nas narrativas de Guimarães Rosa.

Nesse quadro de alterações, irrompe também uma literatura, segundo Benjamin (1975), baseada numa espécie de "narrativa da perda", pensada, muitas vezes, em oposição às várias faces do mundo moderno em constituição, assinalado por novas formas de organização social, em que vinham predominando as relações formais e de interesse, os acordos contratuais, a lógica do mercado, a competição individual e as multidões urbanas e anônimas. O rural, o interior, os sertões se revestiram, muitas vezes, de aspectos idealizados, de um passado, de certa forma, difuso e diluído num tempo histórico indefinido, em uma espécie de recuo imaginário e, por vezes, bastante conservador. O rural também passou a ser representado literariamente como espaço e o foco de tensões e de resistência às desigualdades sociais e de organização das oposições. O urbano é referenciado, em certos momentos, como ambiente de emergência dos desencantos e das friezas da vida moderna, mas também é compreendido como o espaço da "modernização", do experimentalismo estético, das vivências artísticas indispensáveis à criação. No período em questão, o importante é considerar o interior não como uma redoma circundada pelo urbano, mas como um espaço em "integração" à economia nacional.

Sob as ambiguidades, contradições e significações, oriundas da transição, irrompem obras literárias que dinamizam intelectualmente esse processo e confrontam os escritores e suas referências estéticas. Seja qual for a ótica adotada, o importante é notar como essas transformações e referências





estruturavam as construções narrativas literárias, informando os discursos e o conteúdo das obras. Desses processos, resultam as narrativas focadas sobre o sertão, o interior, o rural, isto é, os espaços distanciados das grandes cidades e da dinâmica industrial moderna, mas que a ela se vinculam, seja no plano prático ou no discursivo.

A modernização capitalista, entre 1945 e 1964, adquire tonalidades mais aprofundadas. Nesse período se amplia o processo de transferência e de localização da população brasileira para as cidades. O emergente capitalismo desperta os anseios de modernização, alcançados somente a partir da constituição de centros urbanos, industriais, com ampla circulação de mercadorias. Contudo, esse processo só obteria êxito, na compreensão dos discursos hegemônicos, a partir de uma integração do território, uma modernização dos interiores do país, aproximando-os da industrialização que crescia nas cidades, o que impõe o rural como dimensão da realidade social.

Na rápida e desordenada fusão étnica e cultural, relatada por Donato em *Filhos do Destino*, vai aos poucos surgindo no estado de São Paulo uma cultura, a cultura do café, que se sedimenta e estratifica até compor na superposição social, a casta aristocrática e ruralista, da qual Hernâni Donato apresenta de forma caricatural na segunda parte do romance,

Os donos da terra rivalizam no luxo. Mandam buscar à Capital por cifras alucinantes as novidades da técnica do conforto. Toda gente guarda dinheiro e adquire vícios. Os cafeicultores não pedem. São os senhores do país. Ordenam. Deus dá, o fazendeiro distribui. A política é feita nos alpendres das “casas de fazenda”. Todo fazendeiro é oficial da Guarda Nacional com patente proporcional ao número de cafeeiros que possui. Mandam aos filhos estudantes gordas mesadas, encostam os troles e refestelam-se nos automóveis. A maioria entrega a fazenda a um administrador e vai gozar a vida e o dinheiro numa casa senhorial das avenidas aristocráticas de São Paulo. (pp. 103-104).





Os fazendeiros vão e vem a São Paulo, ao Rio, a Paris. Governam as cidades, fazem os deputados, sugerem leis, arrotam o prestígio do cifrão, começam a sentir o enjoo da terra, aprendem a gostar do conforto e da Capital. (p. 105)

O estilo donatiano foi construído a partir do repertório de leitura do escritor constituído por obras de romancistas e teóricos, como Ignazio Silone, Erskine Caldwell, Ciro Alegria, Victor Hugo, preocupados com temáticas sociais que foram, especialmente, desenvolvidas na literatura brasileira, a partir da década de 1930 por meio da prosa de fundo social do modernismo maduro. Este repertório foi ampliado pela experiência pessoal.

Ao revisitar a biografia de Donato depara-se com uma experiência peculiar de vida, pela sua origem humilde, pela irregularidade de sua formação escolar e pelas profissões incomuns que o destaca da maioria de seus contemporâneos. Percebe-se a inexistência de limites fronteiriços tanto na vida quanto na produção intelectual de Donato, pois possui publicações nos mais variados campos, da literatura infanto-juvenil à biografia, à historiografia, à pesquisa e à divulgação científica, destacando-se como ficcionista com *Filhos do Destino*, *Chão Bruto* e *Selva Trágica*. O autor viveu e conheceu muitos lugares, exercendo as mais variadas profissões, ocupando muitos cargos, desbravando diversos espaços, um homem de inúmeros ofícios.

O cenário e a trama de *Filhos do Destino* resultam de pesquisa do escritor em Botucatu, sua cidade natal, como declara em entrevista: “Levava minha mãe à feira aos domingos, ela ia à missa das 6:00, de maneira que nos levantávamos às 5:00, e enquanto ela fazia as compras, eu conversava com os colonos e anotava coisas, expressões, fatos, nomes.”, além da referência direta que Donato faz ao dedicar o livro ao seu pai, também imigrante italiano, inspirando a criação de personagens. Maquêa (2010) assevera que de “rasgos





e vestígios” se constrói a literatura, “empreendida dentro de um conjunto de acontecimentos sociais relacionados à várias histórias que vai da historiografia oficial até as memórias privadas, que se intrincam na formação de uma memória mais ampla, sócia.” (MAQUÊA, 2010, p. 51)

A produção literária de Donato é fruto de pesquisa documental e de campo, reflete o conhecimento histórico, social, filosófico e antropológico do escritor. Como resultado de pesquisas e estudos sobre o passado de sua cidade natal, Botucatu/SP, publica, em 1945, *O livro das tradições*. Em seu conjunto, verifica-se a predominância de narrativas que traçam o percurso do homem brasileiro circunscrito a um espaço problemático, colando-o à paisagem social e submetendo-o aos rigores das leis que anulam o sonho e a capacidade de libertação, impedindo-o de se realizar em sua plenitude humana. Tal é o teor de *Filhos do Destino*, história do ciclo do café e da chegada do imigrante ao interior do Estado de São Paulo; de *Chão Bruto*, que relata a conquista do sudoeste paulista; e de *Selva Trágica* desnudando os casos ignorados acerca da saga dos exploradores de erva mate (ervateiros) no sudeste mato-grossense. Estes romances têm em comum um eixo social e denunciam a trama das relações que subjagam o homem, expondo-o à dominação e à exploração perversas, localizando-o no centro das lutas de classe.

Filhos do Destino, romance publicado em 1951, aborda a riqueza do café no Brasil do final do século XIX com a vinda dos imigrantes, época histórica da pós abolição da escravatura, passando pela crise econômica de 1929 até a revolução de 1932. O café traz prosperidade para São Paulo na virada do século e a cada dia os navios trazem mais imigrantes. Por todo o interior paulista formam-se fazendas de café, crescem bairros, surgem vilas, constroem-se igrejas, grupos escolares, mercearias, ferrovias, prefeituras, dando origem às cidades do interior. O trabalho é árduo, duro, cansativo, mas traz grande prosperidade para o estado. Os imigrantes são muitos, de todas as





origens: lituanos, sírios, árabes, alemães, japoneses, italianos, portugueses. As línguas se mesclam, os nomes mudam, adaptando-se, assim, aos costumes e às etnias diversas.

Candido (1976) atribui à obra a condição de ser fruto da iniciativa individual e de condições sociais, “na verdade ela surge na confluência de ambas, indissolivelmente ligadas” (p. 26). O artista, o criador, orienta sua produção segundo os padrões da época e retira das realizações humanas os temas, estabelecendo relações históricas, políticas, antropológicas, filosóficas. A escritura literária, “depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição” (CANDIDO, 1976, p. 30).

A obra traz, portanto, no seu interior, no conteúdo e na forma, valores sociais incluindo-se ideologias e modalidades de comunicação. Finalmente, o público, o concretizador, condicionado também por forças sociais, tem o poder de atribuir sentido a ela e definir seu valor estético, constituindo o sistema literário. Assim, a leitura e a compreensão de um romance demandam que se desentranhem da teia de signos indícios das relações complexas entre o homem e a sociedade.

Hernâni Donato, em *Filhos do Destino*, descortina o drama do imigrante, do seu desembarque em terras estrangeiras, do trabalho nas lavouras, os novos costumes, anseios e busca pela ascensão social. Logo na primeira página do romance, com a descrição do espaço fechado do navio, tem-se a apresentação dos passageiros que lotam a embarcação, imigrantes de várias nacionalidades, regiões, profissões, índoles e moral, uma miscelânea de estrangeiros, em um verdadeiro “caldeirão”, em que encontramos tipos diversos, desde pastores, pessoas de bem, até bandidos, forasteiros da lei e, ainda, perseguidos políticos, os “apátridas”. Nesse “caldeirão”, diluem-se as divergências políticas, desaparece a diferença de nível social e econômico,





pois todos se igualam numa mesma situação, a de imigrante, embora a diferença política e socioeconômica seja restaurada após o desembarque.

Cortázar (1974), em “Situação do Romance”, assevera que a literatura é uma expressão direta da realidade. O livro é o reflexo do Universo no qual vivemos refletindo as preocupações, anseios e a realidade de uma época. A literatura é a expressão da experiência humana, individual viva e física. Segundo o autor, a estética da narrativa apresenta um paradoxo: quer ser um espelho da realidade, espelho do mundo, nos restituir com muita fidelidade um tempo e um espaço: problemas morais, sociais e políticos, quase que inquestionáveis, no entanto, ela é fictícia, invenção.

As questões relacionadas ao romance moderno, segundo Cortázar (1974), surgem a partir do momento que o Homem passa a questionar-se e questionar o mundo a sua volta, esta narrativa é fundamentada na busca por razões e respostas para tudo que envolve o Ser. O foco da arte moderna é, sem dúvida, o conhecimento da psique humana e a descrição do comportamento humano em vez de suas consequências.

Considerando que diversos são os temas e os materiais para a fabricação de romances, o romance moderno pode transitar por épocas remotas sem causar alterações relevantes na linguagem, daí a constatação da influência do passado como algo de positivo na apreensão do romance. Apesar da variedade de temas, a linguagem reflexiva, racional e lúcida é a mesma, a base estética da linguagem do romance moderno. Cortázar (1974) ressalta que no romance tem-se a presença do irracional em todos os seus tempos, caracterizando-se esta sua relevância especialmente entre as narrativas das três primeiras décadas do século XX. O romancista questiona o homem, sua conduta, seus sentimentos e reações daí a relevância do romance na literatura contemporânea e a “conquista verbal da realidade”, a tentativa de dominar o conhecimento sobre o mundo que nos cerca.





Na literatura Brasileira vários são os romances que apresentam personagens imigrantes italianos, o mau caráter Loredano, em *O guarani* (1857), de Alencar, ou ainda do mesmo Alencar, em *Senhora* (1875) tem-se o figurante, um mascate italiano, que, em momento oportuno, aponta a possibilidade a Fernando Seixas de mudar a situação e regenerar-se. Vale observar que na literatura de Alencar, os italianos são marginalizados, sinalizando a intolerância do escritor por estrangeiros, a xenofobia peculiar do Romantismo que pregava um nacionalismo exacerbadamente idealizado.

No início do século tem-se a presença da personagem Olga, filha de Vicente Coleoni, imigrante italiano, em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, a qual, segundo Bosi (1996), Lima Barreto atribui foco positivo; enquanto que no romance de Luís Martins, *Fazenda* (1940), constata-se o percurso de Jesuino Fioravanti; ou ainda as personagens de Ant3nio de Alc3ntara Machado, em *Br3s, Bexiga e Barra Funda*, como tamb3m o lend3rio Venceslau Pietro Pietra, de M3rio de Andrade em *Macuna3ma* (1928).

Essas personagens, a despeito de suas singularidades, pouco se afastam do senso, e do lugar, comuns. No que tange aos imigrantes italianos o percurso 3 circunscrito a um enfoque redutor: chega ao Brasil com os pais, trabalha como colono, economiza, compra um pedaço de terra, planta, prospera, fixa-se num centro urbano, fundam ind3strias, empresas comerciais ou financeiras. As alianças entre italianos enriquecidos e fam3lias olig3rquicas, em decl3nio econ3mico, s3o tamb3m recorrentes, fato que gera vis3vel desconforto da elite falida, que s3o aceitam a “degradaç3o” social a3 implicada por força da necessidade da manutenç3o de prest3gio e fortuna. O que constitui uma cr3tica ao papel dos imigrantes na subvers3o de valores tradicionais vigentes entre as elites brasileiras, e para o fortalecimento de uma sociedade em que as relaç3es se pautam pelo interesse econ3mico. Assim,





nos enredos conforma-se certo padrão que delinea e limita a atuação de personagens italianas.

A partir da década de 1950, um novo aspecto caracteriza a literatura relacionada a imigrantes. Antes eram poucos autores de origem estrangeira, a partir de meados do século XX surgem textos de autoria de descendentes de imigrantes, priorizando sua origem. Entre os italianos, é o caso de Hernani Donato, que em *Filhos de Destino* (1951) narra a saga de um grupo de italianos desde a chegada ao Brasil, acompanhando a sucessão de gerações, com os fracassos e êxitos que experimentam. Donato revela preocupação em fugir de esquemas tradicionais aplicados no enfoque de imigrantes. Evitando realçar os processos complementares e opostos do enriquecimento e da desumanização, procuram resguardar a densidade humana de suas personagens. Dramas e conflitos de ordem diversa são generalizados, afetando italianos e demais personagens, independentemente da origem.

Ligado à formação de uma identidade nacional, à criação de um povo, está o processo de miscigenação decorrente da chegada dos imigrantes italianos, explorado pelo romance de Hernâni Donato. Na mistura de raças e culturas, vão se definindo as diferenças que se harmonizam na união de Tônico (italiano) e Branca (brasileira) ou, ainda, de Benvinda (brasileira) e Mateus (italiano).

A recuperação do passado dos imigrantes por descendentes constitui uma tendência renovada, como a ficção de José Clemente Pozenato, *O Quatrilho* (1985), que visa à preservação da memória da imigração italiana para o Brasil.

O romance de Hernâni Donato apresenta um forte apelo social e trabalha uma temática que se aproxima das preocupações que marcaram a literatura brasileira nos anos 30 do século XX. Embora escrito em 1951, *Filhos do Destino* guarda ecos da Geração de 30 no que se refere à





caracterização de regiões nas quais o romance se desenvolve. A narrativa desenrola-se no centro-sul paulista, junto a um ramal da estrada de ferro Sorocabana (drama que será enredo de outro romance de Hernâni Donato, *Chão Bruto*) e ao lado da rodovia São Paulo – Mato Grosso, a popular estrada “Boiadeira”, nas proximidades da cidade de Botucatu. A história se passa na época em que São Paulo, com milhares de pés de café e a maior lavoura organizada do mundo, oscila entre a agricultura e a indústria, e os imigrantes italianos rumam para o campo a fim de substituir o negro recém liberto no trabalho da terra.

O romance *Filhos do Destino* estrutura-se em três partes: sendo a primeira intitulada “A Gente”, iniciada com a epígrafe “... estreita é a porta e apertado o caminho para a vida...” (S. Mateus, VII, 14); a segunda, “A Terra”, com duas epígrafes “... Vós sois o sal da terra...” (S. Matheus, V, 13-14) e “... Se se queimarem os campos e se conservarem as cidades estas não sobreviverão” (Franklin) e a terceira parte, “O Tempo”, com a epígrafe: “... em seguida saíram do mesmo rio sete vacas muito magras...” (Velho Testamento, 3ª época, capítulo V); assemelhando-se à divisão formal de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, “A Terra”, “O Sertanejo” e “A Luta”.

Todas as epígrafes estão relacionadas ao conteúdo das partes constituintes do romance, deixando evidente a aproximação de sua estrutura à de uma epopéia, transmitindo a ideia do poder da criação e renovação próprios da Terra. Elementos míticos como a viagem, o deslocamento das personagens além mar em busca de uma nova terra, remetem-nos à peregrinação de Ulisses. A Terra, como declara o escritor na Introdução da 1ª edição da obra, constitui a personagem central: “os personagens humanos não são os principais. Principais são uma planta, um tempo, uma mentalidade” (p. 5), remetendo-nos, uma vez mais, ao poder cíclico da criação. O café, símbolo do poder, “a construção do reino do café paulista” (p. 99), é o todo poderoso





deus, “O café é um deus” (p. 83). Cria-se, assim, um mito em torno do café e o seu poder econômico.

Bakhtin (1993), em “Epos e romance”, ao discorrer sobre o gênero romance, afirma que este é o único gênero que permanece evoluindo no meio de gêneros há muito tempo constituídos. O romance, por ser a única forma narrativa em evolução, reflete com precisão a evolução da realidade da época, contribuindo para o processo de desenvolvimento e renovação da literatura no plano estilístico e linguístico. Assim, segundo o teórico, “O romance, deste modo, desde o princípio foi feito de uma massa diferente daquela dos outros gêneros acabados. Ele é de uma natureza diferente. Com ele e nele, em certa medida, se originou o futuro de toda literatura.” (p. 427).

O ambiente literário presencia, nesse contexto, certa complexidade, com as mudanças sociais na dinâmica cultural do país. De acordo com Ortiz (1985), a expansão de uma significativa classe média nas cidades confluiu num esforço sem precedentes pela ampliação da escolarização, pelo aumento dos núcleos universitários, pela busca de informação e formação, pelo crescimento dos meios de comunicação de massa, por uma ênfase no saber como forma de escalada socioeconômica individual e uma relação complexa do mercado de bens simbólicos. Tal processo implica tanto uma alteração da estrutura dos espaços literários no Brasil, que atingem um novo estágio em termos de disposição de suas condições materiais básicas, assim como uma complexização das dinâmicas intelectuais em geral. Mesmo assim continua sendo produzido, nas décadas de 50 e 60, em larga escala, o romance típico da segunda geração modernista, a narrativa de extração realista com tema predominantemente regional, apresentando como expoentes Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego e Rachel de Queirós, somente para citar alguns. Nesta vertente pode-se localizar também os romances de Hernâni Donato.





Diante disso, as formas de representação estética, que encampam como pano de fundo as variações e condições da vida rural, seja o sertão, o interior, a fazenda, a terra, as vilas, etc., comportam uma relação peculiar no seio do campo literário e acompanham as novas dinâmicas. Nesse sentido, por exemplo, as projeções de integração do território e a noção de modernização socioeconômica são importadas para a literatura e por ela ressignificadas, ganhando reverberações nas obras e nas tomadas de posição dos escritores. Não se sugere um efeito de reflexo, mas um processo de mediação, que considere o campo literário como dotado de regras particulares, mas não autossuficiente, ou com um conteúdo exclusivamente interno, como uma instituição total. A literatura é processo estético, isso não esgota e muito menos a afasta da interação com os processos sociais amplos ou das estruturas da sociedade que a comporta.

Percebe-se, no romance, a exposição de um embate de forças entre coronéis e colonos e facilmente se depreende o tema central da trama: a luta pela sobrevivência de diversos imigrantes em um país distante e a tentativa de manterem suas tradições e costumes. *Filhos do Destino* tem, neste tema, o fio condutor ao qual se entrelaçam outros da história. O enredo é ampliado ao longo da narrativa, Hernâni Donato, por meio da saga de uma família, relata o percurso histórico do Café e a presença do imigrante em São Paulo, construindo um grande painel, que abarca o período histórico balizado entre 1895 a 1932.

Na produção neorrealista, o desejo de focar as condições sociais problemáticas era perpassado por uma intenção ideológica que pressupunha a alteração de um estado econômico opressivo. Por isso, o mundo recriado pela obra deveria assemelhar-se o mais possível ao mundo da realidade exterior, o que fez com que a literatura dessa época se reduzisse à parcela que mais interessasse ao escritor, como aponta Bareiro Saguier (1979): "Mas foi





uma busca em certa medida falaz. Em si mesmo o critério de 'veracidade documental' adotado representou um engano, porque apresentava uma superfície deformada pela intenção reducionista que cada autor aplicou" (p. 22). Bareiro Saguier assevera que a busca de "veracidade documental" falhou porque não houve a neutralidade pretendida. A escolha desta ou daquela situação atendeu aos interesses do romancista e este procurava selecionar os temas de acordo com sua intenção política.

Antonio Candido, em "Literatura e subdesenvolvimento" (1989), apresenta uma mudança de enfoque na expressão dos elementos mais primitivos da América Latina, passando a se pautar por um senso mais realista, mais humano, elencando problemas sociais e humanos dos grupos menos favorecidos. O que caracteriza a fase de "pré-consciência" do subdesenvolvimento social dos países latino-americanos em relação aos países europeus, uma tentativa de se desconstruir o eurocentrismo. Esta fase pautou-se pela concepção da realidade regionalista como uma instância opressora e motivou o surgimento de textos marcados por certo tom documentário, cuja intenção era promover ações políticas em áreas de subdesenvolvimento econômico. A degradação humana seria, então, o resultado de uma política social excludente. A produção literária do neorrealismo de 1930 não pretendeu apenas "documentar" a situação de atraso social e pouco empenho político, mas levantar os problemas que desencadeavam o atraso econômico nas localidades regionais.

Na literatura, a representação do espaço sempre ocorreu, mas nem sempre atribuiu-lhe a devida valorização, recentemente a categoria espacial na narrativa passou a ser estudada como um dado significativo na produção romanesca, cujo delineamento amplia as possibilidades de compreensão da obra literária pelo leitor. Pode-se não falar dele, mas a sua presença está implícita. Segundo Genette (1972) "Nossa linguagem é constituída de





espaço” (p. 105) e que o descaso aos estudos da categoria espacial, que a filosofia bergsoniana exprimia, cedeu lugar hoje a uma valorização contrária, que de certo modo implica o homem preferir o espaço ao tempo. Genette (1972) conclui:

Hoje a literatura – o pensamento – exprime-se apenas em termos de distância, de universo, de paisagem, de lugar, de sítio, de caminhos e de moradia: figuras ingênuas, mas características, figuras por excelência, onde a linguagem se espacializa a fim de que o espaço, nela, transformado em linguagem, fale-se e escreva-se. (p. 106)

O meio físico, nos romances neorrealistas como *Filhos do Destino*, configura-se como um elemento da obra literária retirado da realidade exterior. Imagens visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis são trabalhadas pelo narrador para configurar o mundo exterior que se apresenta em imagens que desfilam incansavelmente para o leitor. O elemento externo reflete-se nas páginas do romance graças à descrição bem realizada da paisagem do conflito. Descrever é pintar com as palavras e, por isso, é indispensável que o narrador explore a sua sensibilidade, a fim de que o ato da descrição não constitua, apenas, a realização de um inventário.

Muito além de uma história de esperanças, conquistas e fracassos de povos que imigraram para o Brasil, que uma descrição de fatos históricos e ambientes regionalistas: o interior paulista, mais precisamente a cidade de Botucatu (p. 22), *Filhos do Destino* estrutura uma narrativa nos moldes tradicionais da diegese romanesca, pois mantém uma única linha de ação, regida por um encadeamento causal, sempre mediada pelo narrador heterodiegético, em que os fatos e as circunstâncias configurados no conflito desencadeiam o desfecho, enquanto o narrador moderno, descrito por Resenfeld (1996), focaliza apenas uma parte do indivíduo, o que faz da





personagem um ser embaçado, escorregadio, difícil de captar enquanto sujeito; desfaz-se, pois, aquela personagem de contornos firmes e claros que o Romantismo e, ainda mais o Realismo, nos deram. Tem-se o processo de despersonalização da personagem.

A narrativa de Donato apresenta dois enredos paralelos e simultâneos: a saga de uma família de imigrantes que constrói a trama e a história da cafeicultura no interior paulista, seu apogeu e decadência, como cenário de fundo para a trama política e histórica do Café como personagem central. Não há um herói singularizado na figura de um protagonista, mas na coletividade, resultado da soma de traços de todos os imigrantes que trabalharam para o desenvolvimento da cafeicultura. O café e a terra, com toda sua exuberância, aparecem como as personagens centrais, determinantes dos destinos das pessoas; segundo nos adverte Hernâni Donato no “Prefácio” do romance, e podemos constatar no desenrolar da narrativa.

O que chama atenção na obra é o fato de a narrativa vir mesclada de momentos líricos, principalmente ao delinear a paisagem local, em que a exuberância da terra e o verde tropical dos cafezais dão vida às grandes fazendas, que se ampliam rasgando o interior numa busca desenfreada por mais terras roxas produtivas. O lirismo do narrador, essencialmente romântico, realçado por expressões como: “Quando há estrelas não se olha o pântano” (p. 13); “Arquipélago de luzes no escuro da cidade adormecida” (pp. 13-14); convive com um modo de narrar tradicional, linear, extremamente documental, com grande proximidade dos fatos da História. O romance constitui-se por um conjunto de episódios, interligados, que se entrelaçam formando uma arquitetura harmônica.

Hernâni Donato distancia-se dos modos de produção literária de seus contemporâneos como Guimarães Rosa que desmascara as categorias espaciais, temporais e causais, antes concebidas, inclusive por Donato, como





meras aparências exteriores, por meio das quais o senso comum procura impor ordem fictícia à realidade e este processo de desmascaramento que ocorre no romance moderno, segundo Rosenfeld (1996), também envolveu o ser humano que se torna fragmentado e em decomposição no romance, deixando de se apresentar como retrato de indivíduos íntegros. As personagens aparecem como “criaturas mutiladas e inválidas”, funcionando como mero suporte precário, não figurativo da língua.

O fio condutor da narrativa de Donato não provoca o deslocamento da ordem natural dos acontecimentos. O que temos no início do romance é a narração do desembarque dos imigrantes, da viagem de trem e, em seguida, de carro de boi para o interior, privilegiando a descrição da natureza e destacando as condições climáticas do novo país “– Num mesmo dia tivemos inverno, outono e verão!” (P.23), sempre em uma sequência cronológica dos fatos. Romance tradicional conforma uma linha de tensão da experiência que deve ser alicerçada na relação causa e efeito: o encadeamento do acontecimento, a exterioridade da experiência.

As personagens materializam o texto polifônico ao manifestarem emoções, sentimentos, dúvidas, estranhamentos, buscando estabelecer, com o leitor atento, as pontes que utilizam para atribuir movimento, dinamicidade, verossimilhança à narrativa. O discurso direto e os diálogos mantidos entre as personagens são intromissões do narrador que permitem conhecer um pouco mais dos sonhos e anseios de cada personagem.

Segundo Bakhtin (1993), o plurilinguismo introduzido no romance é “o discurso de outrem na linguagem de outrem, que serve para refratar a expressão das intenções do autor” (p. 127), o discurso das personagens é a outra forma de introdução e organização do plurilinguismo no romance. Isso significa dizer que as refrações das intenções do autor também se dão pelas palavras dos personagens no romance que, embora possuam autonomia





semântico-verbal e perspectiva própria, acabam por se tornar a segunda linguagem/voz do autor. O plurilinguismo social é introduzido tanto nos discursos diretos das personagens como no discurso do autor, ao redor dos personagens.

O plurilinguismo bakhtiniano deve ser compreendido como conjunto de linguagens diferentes trazidas pelas personagens que falam nas suas linguagens e nos seus discursos originais, deve-se considerar o mundo social real como exterior ao mundo escrito. Esses mundos, entretanto, são associados e não excludentes. Nesse plurilinguismo que lhe é exterior, inscreve-se o romance, uma vez que a linguagem dos falantes é estratificada e dividida por uma pluralidade de línguas nacionais e, principalmente, de línguas sociais, nas quais o romancista se apresenta com uma linguagem fixa e, ao mesmo tempo, com múltiplas línguas que ele as incorpora.

Percebe-se, no desenrolar do romance, a diluição, efeito estético que se realiza pela gradação, da origem do imigrante em função da nova terra ocupada. Os nomes dos imigrantes, dada a dificuldade da pronúncia, vão ganhando uma outra forma “Giusepe fica sendo Bepe, Johanes vai ser João, Michele resulta Migué, Francisco passa a ser Chico, Manuel se torna Mané...Giacomo passa a ser Jacó” (p. 48).

Os sentimentos dos colonos deixam de ser expressos pela linguagem, e, aos poucos, os homens aproximam-se dos animais, embrutecendo-se, “são camponeses, gente da terra – sabem sentir, mas não sabem dizer o que sentem. Basta-lhes o sentir.” (p. 94). A maioria das descrições das personagens é realizada por meio da rememoração do passado. Fazendo uma retrospectiva no tempo, as personagens se entrelaçam com o tempo e o tempo, por sua vez, fornece-lhes a formação. Jacó, Maria, Tônico e, posteriormente, Benvinda representam a família de imigrantes italianos, a primeira geração de colonos do café. Em síntese, representam o grupo dos oprimidos e explorados. Esta





família constitui um núcleo de grande expressividade na obra, e, por meio de sua trajetória, o narrador decifra a história da ascensão e queda da “Vossa Majestade” o Café. Esse recurso é predominante, as personagens expressam-se pela exterioridade, seja dos seus atos, seja das emoções. A falsa ilusão de inteireza gera personagens fracos, frágeis do ponto de vista estético.

As personagens femininas são telúricas, fortes e embrutecidas pela vida que levam nas fazendas. Têm grande poder nas decisões que serão tomadas pelos personagens masculinos. A beleza física das mulheres está em segundo plano, pois há uma certa predileção dos homens pelas figuras femininas que possam significar uma ótima mãe e dona de casa. Maria representa com perfeição a mulher submissa ao marido, embora sempre prevaleça a sua vontade. A decisão em se hospedar ou não, na hospedaria, ou realizar ou não o ritual de prosperidade, sugerido pelo Negro Eusébio, acaba sendo sua. É ela, ainda, quem concretiza o sonho do marido: a compra do sítio, após a morte de Jacó.

Uma personagem forte e fundamental para o desenrolar da história, surge no decorrer da narrativa, trata-se de Branca, filha do coronel Coelho, que se casa com Tônico, dando início à segunda geração retratada no romance:

Branca não é bonita mas é uma mulher agradável. É ela mesma. Sem nada de dissimulada. Deliciosamente agreste. Domina três grandes segredos: o rir, o falar, e o mover as mãos. Se perdesse a voz ainda assim todos entendê-la-iam porque os olhos e as mãos de Branca são o máximo de eloquência. Os dedos finos, longos, enrijados pelo trabalho que procura e ama. Vivem uma vida sua, como se não fossem parte de um todo. (p. 124)

A voz do narrador, contudo, é quem organiza e dinamiza a narrativa oferecendo ao leitor a possibilidade de compreender as relações que se criam entre os tipos a partir das relações que se estabelecem na vida. Curiosamente,





as personagens-tipo desaparecem da narrativa quando ocorre um deslocamento de espaço (para o urbano, por exemplo). Essas personagens estão alocadas em seus núcleos espaciais e temporais, desconfigurando-se ao se movimentarem em espaços e tempos diferentes, tornando-se complexas.

Filhos do Destino ainda mantém a perspectiva, a plasticidade das personagens e a ilusão da realidade, o romancista, adotando uma postura de onisciência e onipresença, enfoca o interior e exterior de suas personagens, conhece-lhes o futuro e o passado empíricos, biográficos, situa-as num ambiente cujo plano de fundo se destacam com nitidez, realça-lhes a verossimilhança conduzindo-as ao longo de um enredo cronológico de encadeamento causal, enquanto que no romance moderno, segundo Rosenfeld (1996), o narrador moderno não tem o mundo como um dado objetivo, mas como uma “violência subjetiva”; o romance se passa no íntimo do narrador, as perspectivas se borram, se fragmentam, visto que a cronologia se confunde no tempo vivido; a reminiscência transforma o passado em realidade; o mundo narrado se torna opaco e caótico.

No relato do desembarque, após uma descrição detalhada do porto, o narrador convoca os sentidos da visão e do olfato do leitor para que este possa ver e sentir o “cheiro do país novo”, descrevendo o porto, os armazéns, os negros, as prostitutas. Temos, ainda, descritos os pormenores das condições subumanas, a que os recém chegados são sujeitados na hospedaria dos imigrantes, um verdadeiro “mercado humano” fornecido pelo governo aos coronéis das fazendas de café, troca de mercadorias, o negro, empregado do cais; as prostitutas, o corpo como mercadoria, configurando o homem reificado, “A Hospedaria dos Imigrantes é um mercado humano” (DONATO, s.d., p. 14). Nas hospedarias privadas, como a do Bexiga, onde a família de Giácomo se acomoda à espera de um bom contrato, o espaço do exílio também se revela sombrio e nada aconchegante, “corredores, escadas, latadas





escuras de onde poreja umidade e perfume penetrante.” (DONATO, s.d., p. 14)

As precárias acomodações, em ambas as hospedarias, sinalizam, de imediato, os maus tempos a serem vividos. Inicia-se com a chegada dos imigrantes uma verdadeira comercialização de seres humanos, lembrando a época da escravidão. Homens são avaliados, tanto em seu físico, quanto à estrutura familiar. Famílias com muitas mulheres são rejeitadas a priori, assim como homens sem família, “Os senhores da lavoura anunciam a nova vida. Na maioria fazem medo. Representam um mundo frio, calculista, arrojado ao extremo, acostumado a manter o trabalho sob o regime do chicote, do qual falam com saudades mal disfarçadas.” (DONATO, s.d., p. 15)

No momento das acomodações dos recém-chegados já é possível perceber que se resgata a estratificação social. Aqueles que não têm como arcar com absolutamente nada pela hospedagem seguem para a hospedaria oferecida pelo Governo, os que possuem algum dinheiro e podem pagar ficam em hospedarias particulares, o que os valorizam em detrimento dos primeiros, considerados “carne que se pode regatear.” (DONATO, s.d., p. 14)

O deslocamento das personagens também pode ser visto para além da perspectiva do espaço (continentes, regiões, cidades), como transição entre dois tempos: o passado, a tradição do colonizador, e o novo, a colonização, “É a porta que fecha o mundo de ontem. É o cheiro do país novo.” (DONATO, s.d., p. 12). Depois do desembarque no porto, os imigrantes, empilhados feito animais seguem para a estação de trem e, mal acomodados, rumam em direção à capital do estado, São Paulo, onde caminham pelas ruas da cidade em busca das hospedarias. A cidade de São Paulo, o coração do país 1895, vai sendo descrita em tons sombrios, pincelado, entretanto, pelo brilho das estrelas. Selecionados pelos coronéis, os imigrantes iniciam uma jornada com





destino ao interior paulista, às fazendas de café. A viagem se faz em duas etapas: uma de trem, outra de carro de boi.

A descrição da fazenda, “as colinas se abrem para mostrar a fazenda”, espaço onde a família de Jacó viverá a partir de sua chegada ao Brasil, sugere o desequilíbrio social configurado pela desproporção entre a casa-grande, “acomodada à ondulação do terreno. Vasta, baixa, cintada por um alpendre rendilhado de trepadeiras explodindo florações em branco e azul.” e a senzala, denominada, na fazenda do Coronel Bento, de “Quadrado”, “da vegetação se destaca uma mole de taipa enegrecida”, “De um lado, casa, do outro, tapera.” (DONATO, s.d., p. 26)

Há momentos que o espaço caracteriza-se como um prenúncio, em tom de prosperidade de um futuro incerto. É uma superstição lançada pelo negro Eusébio, que Maria, esposa de Jacó, apesar de não acreditar totalmente, pois não faz parte das crenças de seu país de origem, realiza o ritual indicado pelo sábio negro: a expurgação da miséria da casa antiga, significando a purificação. Mais adiante na história, saberemos que a sua família é uma das poucas que prosperam trabalhando na terra. O espaço funde-se às personagens, o que se tornará uma constante na produção literária de Hernâni Donato. A natureza edênica apresenta-se em harmonia com as necessidades básicas de sobrevivência das personagens.

Nas páginas de *Filhos do Destino*, vivem imigrantes de todas as raças em situações muito variadas na época do apogeu cafeeiro e da depressão econômica causada por duas revoluções, do florescimento cultural e social do estado de São Paulo. Nesta narrativa temos uma sucessão de aventuras e as paixões humanas são presenciadas em todos os graus.

Filhos do Destino constitui-se como uma revelação panorâmica da vida interiorana paulista em quase quarenta anos, 1895 a 1932. Como eram realizadas as eleições, a abertura de novas fazendas, o extermínio dos últimos





bugres, o florescer das cidades rasgadas pelas ferrovias, o crescimento da economia nacional representada pelos bilhões de pés de café, os choques das gerações que fizeram a grandeza do café, gozaram o seu esplendor e sofreram a derrocada com a crise mundial de 1929, o surgimento da indústria, a ascensão da burguesia.

Essa narrativa é caracterizada pelo estigma dos dramas sociais coletivos, uma história vibrante, real, sugestiva da corrente imigratória que abateu sobre o Estado de São Paulo a partir de 1880 e da invasão verde do café, originando a mais vigorosa, tumultuosa e, conseqüentemente, mais colorida civilização da zona tropical: o complexo sócio-político-econômico paulista. *Filhos do destino* é um desenrolar ininterrupto de representação de fatos reais, vividos à sombra do Estado de São Paulo, na formação da cultura que atingiu tão elevado nível, graças à colaboração do elemento estrangeiro.

O choque da cidade com a roça, da civilização com a filosofia estoica do roceiro, todos os elementos que constituem realmente a alma da formação agrícola da civilização paulista foram caprichosamente reunidos por Hernâni Donato em *Filhos do Destino*. O trato do homem com a terra e da terra com o homem é abordado nesse romance com maestria. Os fatores que presidiram essa união, que fixaram e aglutinaram o povoamento também não são esquecidos, a humilde capelinha, a venda, a loja do turco, surgem na paisagem campestre, que vai logo tomando ares de um vilarejo desde que a máquina de beneficiar café alterou a rotina dos terreiros nos sítios dos colonos.

Referências

ALENCAR, José de. **O guarani**, São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Senhora**, São Paulo: Ática, 1989.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.





- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética** (A Teoria do romance), Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 3. ed. São Paulo: Edunesp/Hucitec, 1993.
- BAREIRO SAGUIER, Rubén. Encontro de Culturas. In: FERNÁNDEZ MORENO, César (Coord.). **América Latina em sua literatura**, Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**, São Paulo: Ática, 1990.
- BARTHES, Roland. O efeito do real. In: _____. **O rumor da Língua**, São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BENJAMIN, Walter. **A Modernidade e os modernos**, Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1975.
- BOSI, Alfredo. Sob o signo de Cam. **Dialética da colonização**, 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária, 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- _____. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. **A educação pela noite e outros ensaios**, 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. (p. 140-162)
- CORTÁZAR, Julio. Situação do romance. In: _____. **Valise de cronópio**, São Paulo: perspectiva, 1974
- DONATO, Hernâni. **Filhos do destino**: História do café e do imigrante em São Paulo, 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d.
- _____. **Chão bruto**, São Paulo: Hucitec, s.d. (Círculo do Livro).
- _____. **Selva trágica**, São Paulo: Edibolso, 1976.
- GENETTE, Gérard. **Figuras**, Trad. Ivonne Floripes Mantoanelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- MACHADO, Antônio de Alcântara. **Brás, Bexiga e Barra Funda**, São Paulo, Ática, 1986.





MAQUÊA, Vera. **A escrita nômade do presente**: literaturas de língua portuguesa, São Paulo: Arte & Ciência, 2010.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**, São Paulo: Brasiliense, 1985.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**, Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

POZENATO, José Clemente. **O quatrilho**, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In:_____.
Texto e contexto I, São Paulo: Perspectiva, 1996.

